

A atuação do revisor de tradução de textos literários: injunções da preservação da materialidade textual

Thomaz Gomes de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo busca analisar o papel do revisor de textos, com foco na revisão de tradução de textos literários. Foi levada em conta a relação entre os profissionais envolvidos no processo de produção do texto na língua de chegada: tradutor e revisor, de forma a pensarmos a preservação da materialidade linguística do texto-fonte, ao tratarmos a tradução como um processo cognitivo criativo, e as injunções da atuação do revisor.

Palavras-chave: Revisão de textos. Tradução. Literatura.

The role of the proofreader: injunctions regarding the preservation of the linguistic materiality

ABSTRACT

This paper aims to reflect upon the role of the proofreader, focusing on the proofreading of literature. It was considered the relation between the professionals involved in the process of the production of the text in its translated form: translator and proofreader, in order to ponder the preservation of the linguistic materiality of the original text regarding translation as a cognitive creative process and injunctions that fall upon proofreader's work.

Keywords: Proofreading. Translation. Literature.

1 INTRODUÇÃO

O revisor de textos, aquele que se debruça sobre a preparação de um texto para a publicação, há de reconhecer a importância e responsabilidade de seu trabalho para com a materialidade textual “original”. Além das figuras do revisor e do escritor, há outro profissional que compartilha o peso da labuta textual: o tradutor. Escrever, traduzir e revisar um texto compreende um processo que visa à criação de um produto que, apesar de ser trabalhado por mais de um par de mãos, intenta preservar uma identidade.

Escrever um texto, independentemente de gênero, veículo de divulgação, etc. é uma tarefa ubiquamente árdua. O texto, ao passar às mãos do tradutor, demanda, deste, cuidados para além dos

¹ Graduando em Letras / Bacharelado. Integrante do grupo de pesquisa “A tradução como interpretação da crítica, da teoria e da obra literária”, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Priscila Campolina de Sá Campello / PPG em Letras da PUC minas. E-mail: thomazog@hotmail.com.

aspectos gramaticais, dos sintáticos, das línguas envolvidas: demanda o entendimento de que o outro é o autor. No entanto, veremos que há a necessidade da mão criativa do tradutor.

Similarmente, revisar um texto que foi traduzido requer, do tradutor, o reconhecimento de que um outro, em momento anterior, já se debruçou sobre ele, de forma a buscar uma unidade, a respeitar a identidade material de primeira instância. O revisor de tradução há de conciliar duas línguas para o propósito da exposição de um corpo textual, mantendo o esforço tradutório de quem o precedeu. Terá em suas mãos um produto que passou por um processo de “recriação”, como veremos adiante, e, como dever, prepara-o para a publicação, sabendo que há um texto-fonte no qual se basear.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na próxima seção, serão trazidos os conceitos sobre os quais entenderemos a *tradução*; na sequência, o que entendemos ser a *revisão de textos*; posteriormente a explanação do *corpus* e a análise do material coletado. Nas considerações finais, refletiremos acerca das injunções dos trabalhos do tradutor e do revisor acerca do material que recebem.

2 A TRADUÇÃO COMO PROCESSO COGNITIVO CRIATIVO

Há várias maneiras de encararmos o trabalho do tradutor de textos. Reuillard (2014) define a tradução como um processo cognitivo, durante o qual o profissional busca “descobrir” as intencionalidades do material textual e tenta a reformulação de sua materialidade discursiva, de uma língua de partida para uma de chegada. Devido ao fato de se tratar de uma prática humana, ocorrente em certo contexto histórico-sócio-cultural, com uma finalidade determinada, a tradução abre o texto-fonte a diversos caminhos interpretativos, fazendo-se necessárias a competência e a sensibilidade técnica do profissional tradutor, de forma a haver uma preservação adequada do sentido proposto.

Em consonância com estudos realizados no campo da Psicologia Cognitiva, Cavalcante (2006) define cognição como “atividades mentais que envolvem a aquisição, a codificação, a transformação e o emprego das diferentes formas de conhecimento e de experiências sensorio-perceptuais humanas.” (CAVALCANTE, 2006, p. 4). Entendemos, então, que todo texto é passível de ser manuseado com maleabilidade durante o processo vivo da leitura, maleabilidade essa impulsionada pelo que o leitor tem de “bagagem”, seu processo de letramento. O texto trabalhado pelo tradutor não está imune a essa “deformação” de sentido(s) que se baseia nas leituras prévias do profissional e em suas capacidades de atuação, desenvolvidas ao longo da carreira e da vida, em geral.

Acerca da definição de como um texto é tratado pelo leitor durante o processo de leitura, Barthes (1970) aponta que há três categorias de textos: a) técnicos, nos quais a construção textual é mais direta, de caráter informativo e que não possui a polissemia como intencionalidade, visando a uma compreensão o mais completa possível, como manuais para a montagem ou operação de uma máquina, por exemplo; b) clássicos, cuja via de acesso à sua polissemia é a conotação, um outro sistema de leitura, válido a apenas àquele texto individual, naquele momento de leitura, que expande o sistema denotado, significado dicionarizado; c) modernos, aqueles cuja construção visa a uma leitura plenamente polissêmica, ainda que limitada pelo escopo da materialidade textual que defronta o leitor, não podendo ser feita qualquer leitura sem que haja uma “prova” convincente do raciocínio. As três categorias de textos apresentam desafios diferentes ao tradutor, requerendo conhecimento técnico específico de determinada área, em determinado uso, capacidades de extrapolação do sistema básico de leitura (a denotação), de entendimento do significado histórico do texto, de reconstrução de uma intencionalidade da materialidade textual de origem, *etc.*

Em acordo com Reuillard, Carvalhal (1993) aponta que “toda tradução literária é um ato criativo.” (CARVALHAL, 1993, p. 47). Esta informa que a tradução e a escrita literárias são “atividades paralelas que ocorrem em sentido inverso” (*idem*, p. 47), ou seja: o autor, apesar de trabalhar sobre diversos moldes, como gênero e tonalidade, não delimita o início de sua criação, no entanto, o tradutor tem bem definido seu ponto de partida.

Carvalhal (1993) afirma ainda que as atividades tradutórias subsumem, além da produção criativa, a reflexão crítica pessoal, e que “enriquecem os sistemas que integram” (*idem*, p. 48). Entende-se, portanto, que o tradutor possui grande parcela de responsabilidade sobre a criação do texto com que trabalha, que, apesar de ser composto de outro texto, previamente escrito, é novo – situação aparentemente paradoxal, em que um texto, sendo outro, ainda é o um –; embora não seja (co)autor, dado o grau de envolvimento no processo de produção, é também sujeito dessa criação, ator desse processo.

Pensemos, inclusive, na tradução como processo metalinguístico. No sistema saussuriano, expandido por Barthes, de entendimento do signo linguístico, há um significante (Se) que se alia a um significado (So) para a composição de um signo (Sg), este que aponta para algo da materialidade da vida. Na tradução, busca-se a preservação do So como meta ideal, mesmo sabendo que passará pelo “juízo”, pela leitura do tradutor e intenta-se uma “troca” entre o Se da língua de partida (Se₁) para um Se da língua de chegada (Se₂). Ocorrerá, então, o seguinte sistema: Sg = Se₂/(Se₁/So), no qual o Sg (Se₁/So) submete-se a uma expansão, o que Barthes (1971) categoriza como metalinguagem. Podendo ocorrer, inclusive, o sistema: Sg = Se₂ ((Se₁/So₁)/So₂), no qual encontraríamos uma conotação compondo o So de uma metalinguagem, ou seja, o tradutor parte

para um outro sistema de leitura de forma a perceber um outro significado – $((Se_1/SO_1)/SO_2)$ –, sendo este que será traduzido. Notemos que haveria, no entanto, um “desgaste”, uma “perda” do Se_1 no sistema durante o processo da tradução, visto que este, apesar de compor o Sg final, não se mostra explícito no texto, apenas o Se_2 . Não nos deteremos nessa discussão, visto não ser o escopo da pesquisa, mas abre-se o assunto para a ponderação do leitor.

Acerca da preservação do sentido do texto-fonte, durante o processo de tradução, Tyler (1971), em seu texto *The principles of translation* (TYLER *apud* BARTHOLAMEI JUNIOR; VASCONCELLOS, 2008, p. 3), aponta que se deve manter integralmente o sentido, a ideia da obra original. Não obstante a isso, o estilo do autor original deve ser respeitado e permanecer no texto traduzido, assim como sua “naturalidade”. Entende-se, portanto, que a abertura criativa do tradutor, segundo Tyler, é muito menos ampla. O tradutor não se configuraria como um “criador”, como apontam Reuillard e Carvalhal, mas apenas como um “transpositor” do texto original, de uma língua de partida para outra de chegada.

Dryden (1791), em **Prefácio às Cartas de Ovídio**, define que há três tipos de tradução: Metáfrase, Paráfrase e Imitação (DRYDEN *apud* BARTHOLAMEI JUNIOR; VASCONCELLOS, 2008, p. 3). A primeira se basearia apenas na tradução de uma palavra da língua de partida para uma equivalente na língua de chegada, traduzindo-se o texto palavra por palavra. Já na Paráfrase, preocupar-se-ia com a tradução do sentido, entende-se, então, que há a necessidade da adequação dos vocábulos para a preservação da ideia proposta no texto-fonte, visto que, mesmo que uma palavra possua um par na língua para a qual está sendo traduzida, não necessariamente possuirá o mesmo sentido na língua de chegada. Expressões idiomáticas, por exemplo, não devem ser traduzidas sob o plano da Metáfrase, o que Barthes (1970) define como *primeiro sistema de leitura*, devido ao seu sentido se basear num todo, numa situação de uso, não em cada palavra da expressão. A Imitação, por fim, seria uma recriação do texto, demandando ao tradutor uma maior competência criativa.

Bezerra (2012) é bastante incisivo na questão da tradução como forma de criação de texto, afirmando que “a tradução de ficção tem como produto final a recriação, mas uma recriação toda derivada da criatividade do tradutor.” (BEZERRA, 2012, p. 47). O profissional tradutor de textos, portanto, é o *duplo autoral* – termo utilizado por Salgado (2013) ao definir o trabalho do revisor de textos, como veremos adiante – do processo de escrita do texto, criador de um produto, definido por Bezerra como “secundário”, aproximando-se do que Dryden (1791) classifica como “Imitação”.

Bezerra (2012), numa leitura bakhtiniana, portanto, dialógica, e em consonância com Cavalcante (2006), afirma que é a partir das experiências vividas pelo tradutor, suas leituras prévias, suas referências de mundo que se produz uma tradução. O tradutor, para ele, tem, como hercúlea

função, “resolver os problemas” que o texto a ser traduzido lhe impõe, na tentativa de criar um produto “novo”, numa língua segunda. Traduzir é, portanto: “interpretar, mas é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser do original.” (BEZERRA, 2012, p. 55).

Neste artigo, entenderemos, portanto, a tradução como *criação*, na qual o tradutor, na função de duplo, ou novo, autoral, como componente humano sensível, emotivo, vivo, é parte indissociável, visceral, da criação do texto na língua de chegada.

3 A REVISÃO TEXTUAL

Tratando da revisão textual, Massula (2017) define a prática como “a leitura atenta de um texto, que trabalha com as escolhas do autor, respaldando essas escolhas ou sugerindo alternativas a elas, com o objetivo de garantir a maior legibilidade e adequação possíveis ao texto.” (MASSULA, 2017, p. 102). A autora admite que o termo possua certa maleabilidade, visto que pesquisadores diferentes atribuem entendimentos diferentes ao trabalho do revisor textual.

Salgado (2013) define o revisor de textos como aquele

que conjuga, em seu trabalho de leitura, um esboço de leitores futuros e a função de **duplo autoral**. [...] De fato, trata-se de uma atividade que não consiste apenas na aplicação objetiva de protocolos, tais como a prescrição gramatical normativa, [...] por isso, nos parece imprescindível abordá-la nas suas condições de emergência, na dinâmica social e histórica em que se inscreve. (SALGADO, 2013, p. 255, grifo nosso).

Entende-se, portanto, que o revisor atenta para muito além da gramática normativa, percebe traços de estilo, de gênero, de motivação, etc., de forma a atuar muito mais profunda e plenamente no texto que lê. Ponderamos, então, o limite da atuação do revisor, este que, assim como o tradutor, não é autor, mas duplo autoral.

Sabemos, por ser uma discussão antiga, que revisar um texto literário, seja ele conto, poema, romance, etc., não é uma tarefa simples. Se o texto traduzido é um processo cognitivo criativo, parido de uma leitura e escrita esmeradas do profissional, mesmo havendo um texto-fonte, como e o quanto o revisor pode ou deve atuar sobre o texto que recebe?

Há de se pensar em dois diferentes casos: o revisor pode ser, ou não, conhecedor da língua de partida. Um revisor que não possua fluência na língua na qual o texto-fonte foi escrito, trabalhará apenas com a materialidade discursiva da língua de chegada, mas, aquele profissional que possua proficiência em ambos os sistemas linguísticos terá um leque de possibilidades de entradas, no texto que revisa, muito mais amplo. Um revisor que venha a trabalhar um texto traduzido do francês para

o português, por exemplo, pode não reconhecer as sutilezas da língua de origem as quais o tradutor não percebeu.

Além dessas possibilidades, apontamos o caso de o revisor ser, ou não, versado na leitura de textos literários, em especial, produções do autor que foi traduzido. A percepção, direcionada para as minúcias do texto literário, permitiria ao revisor a possibilidade da adequação de usos na língua de partida que não foram mantidos, ou mantidos parcialmente, no trabalho do tradutor. Atentando-se para pontos como prosódia, sonoridade, imagem literal, etc., o revisor pode aproximar a tradução do texto-fonte, de forma a manter as características estilísticas do autor. No entanto, alterando o produto criativo do tradutor.

A partir dessa visão, pretendemos, nesta produção, discutir o diálogo existente entre autor, tradutor e revisor, sob as abordagens dialógica e cognitiva, de forma a pensarmos como os trabalhos desses três profissionais do texto interagem, bem como a questão da autoria e as injunções da atuação do tradutor e do revisor de tradução literária para a preservação da materialidade linguística do texto trabalhado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO *CORPUS*

A pesquisa apresentada neste artigo tem cunho qualitativo, focalizando textos que foram traduzidos de língua estrangeira e revisados, objetivando a análise do que foi mantido ou alterado durante a passagem de uma língua para outra. Os objetos de nossa atenção serão marcas estilísticas dos autores e tradutores, como figuras de linguagem, ordenamentos dos elementos sintáticos, imagens literárias, etc. Discutiremos, também, acerca das motivações das atuações dos revisores sobre o texto traduzido, se objetivaram aproximação para com o texto-fonte.

Nesta direção, serão analisados exemplos de revisões de textos literários que foram traduzidos, de forma a percebermos as minúcias que podem ser (e que são) perdidas durante o percurso criativo da tradução. O *corpus* é composto por textos traduzidos e revisados por membros de um grupo de tradução de textos literários produzidos em língua inglesa, composto por alunos, ex-alunos e professores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em especial, do curso de graduação em Letras – Bacharelado e Licenciatura. Os membros do grupo são, portanto, todos versados na língua de partida e na leitura de textos literários. Os textos são traduzidos, por um ou dois tradutores, entregues a um revisor, que compara a tradução com o texto-fonte, e, ao final, a um revisor que analisa apenas o texto na língua portuguesa.

O processo de trabalho do grupo é duplo-cego, ou seja, os tradutores desconhecem quem revisará a tradução e vice-versa. Os papéis de tradutor e revisor não são unívocos, ou seja, um

mesmo membro pode vir a executar ambas as funções, apenas não no mesmo texto. Nos exemplos, os fragmentos da revisão em vermelho e tachados foram removidos pelo revisor e, aqueles apenas em vermelho, adicionados, no texto-fonte, os sublinhados indicam os equivalentes ao traduzido.

4.1 Fresh Fruit²

Texto-fonte	Revisão
<p>I give them out to neighbors as a way of showing appreciation for their attentions to me. Whenever I tell Susana <u>to take a couple</u>, she hesitates. Oh, <u>the diet she is currently on</u> does not allow for much of anything fried, and that's how she likes them. A little prompting and she takes three thick ones home, hiding them in the briefcase. I know she eats them up fast, fried as <i>tostones</i>, <u>not waiting for them to ripen for a sweeter tasting dish</u>. No, she is an impatient sort who likes <u>to take hard bites of hot salty starches</u>.</p>	<p>Eu as distribuo para os vizinhos como uma forma de mostrar gratidão por sua gentileza comigo. Sempre que digo a Susana para se casar arranjar companhia, ela hesita. Ah, a dieta que geralmente faz ele está fazendo agora não permite muita fritura, e é assim que ela gosta de bananas. Uma pequena sugestão e ela leva três grandes para casa, escondendo-as na pasta. Sei que ela come todas depressa, fritas como <i>tostones</i>, sem esperar que amadureçam para um prato de gosto mais adocicado para que fiquem mais doces. Não, ela é um tipo impaciente que gosta de to take hard bites of hot salty starches se esbaldar com salgadinhos???.</p>

Nesse exemplo, percebemos a atuação do revisor, como mais do que simplesmente devotando a atenção à norma gramatical. No texto revisado, a expressão “Whenever I tell Susana to take a couple” foi traduzida como “Sempre que digo a Susana para se casar”, no entanto, o revisor optou por “arranjar companhia”. Nesse caso, pensamos a alteração ter sido motivada para uma aproximação ao inglês, em detrimento da escolha do tradutor, visto que, no texto-fonte, o termo utilizado pela autora é “take couple”, não havendo menção a casamento, que implicaria uma estabilidade duradoura, ao invés de apenas um “caso”, como no texto revisado, ao utilizar “arranjar companhia”.

A segunda alteração, “a dieta que geralmente faz”, para “a dieta que ele está fazendo agora”, é exemplo de uma atuação do revisor voltada para a correção gramatical, visto que haveria um equívoco por parte do tradutor entre algo rotineiro e algo pontual, presente. O texto-fonte contém “the diet she is currently on”, sendo que o termo “currently” indica algo atual e contínuo. Haveria, novamente, mudança semântica significativa em relação aos comportamentos da personagem que, no texto pré-revisão, frequentemente sentiria a necessidade de entrar em dietas, ou seja, a preocupação com seu peso seria muito mais constante, enquanto que no texto-fonte, e no revisado, é momentânea.

² VEIGA, Marisella. Fresh fruit. In: CASTILLO-SPEED, Lillian (ed.). **Women’s voices from the borderlands**. New York: Touchstone. 1995. p. 180-183.

A alteração de “sem esperar que amadureçam para um prato de gosto mais adocicado” para “sem esperar que amadureçam para que fiquem mais doces”, não aparenta ter uma motivação tão forte como as anteriormente expostas, não sendo erro gramatical nem uma mudança semântica significativa. O período “not waiting for them to ripen for a sweeter tasting dish” estaria próximo o suficiente da opção do tradutor para que pudesse ser mantido, percebemos, no entanto, que a alteração do revisor soa mais natural para um falante nativo do português, mesmo que a diferença seja pouca.

O último caso desse trecho apresenta uma situação um tanto complicada para o revisor, na qual este teve de traduzir um trecho deixado em língua de origem pelo tradutor. O revisor fez sua alteração com um comentário e indicou a dúvida com três interrogações. Foi traduzido “to take hard bites” como “se esbaldar”, algo que indicaria, talvez, uma entrega maior, quiçá, total da personagem ao consumo de comidas calóricas, algo que, na língua de origem, não seria tão contundente, apenas um deleite pontual. Visto que o próprio revisor teve de agir acerca desse segmento, entende-se, então, a falta de uma opinião durante a preparação do texto para publicação, o que pode acarretar perdas, por exemplo, de estilo criativo, que podem vir a prejudicar a leitura do texto.

4.2 Volar³

Texto-fonte	Revisão
<p>At twelve I was an avid consumer of comic books — <i>Supergirl</i> being my favorite. I spent my allowance of a quarter a day on two twelve-cent comic books or a double issue for twenty-five. I had a stack of <i>Legion of Super Heroes</i> and <i>Supergirl</i> comic books in my bedroom closet that was as tall as I am. <u>I had a recurring dream in those days: that I had long blond hair and could fly.</u> In my dream I climbed the stairs to the top of our apartment building as myself, but as I went up each flight, changes would be taking place. [...] In the kitchen they would be <u>discussing events in the barrio.</u></p>	<p>Aos doze anos, eu era uma ávida consumidora de revista em quadrinhos — <i>Supergirl</i> era a minha preferida. Gastava minha mesada diária de 25 centavos em duas revistinhas de 12 centavos ou em uma edição dupla de vinte e cinco. Tinha uma pilha, tão alta quanto eu, de revistas da <i>Legião dos Super-heróis</i> e da <i>Supergirl</i> no armário do meu quarto. Eu tinha tive um sonho recorrente naqueles dias: tinha longos cabelos loiros meus cabelos eram longos e loiros e eu podia voar. No sonho, eu subia a escada até o topo do prédio como eu mesma, mas, à medida que subia cada lance, as mudanças aconteciam. [...] Na cozinha, minha mãe e meu pai conversavam baixinho tomando café com leite. Ela "me acordaria" exatamente quarenta e cinco minutos depois de terem se levantado. Era o tempo que passavam juntos no início de cada dia e, mesmo quando mais nova, eu podia sentir sua decepção caso os interrompesse levantando cedo demais. Então, eu ficava na minha cama relembrando meus sonhos de voo, e talvez planejando o próximo. Na cozinha, eles discutiam acontecimentos sobre coisas acontecidas no <i>barrio</i>.</p>

³ SHAPARD, Robert; THOMAS, James; GONZALEZ, Ray (eds.). **Sudden fiction Latino**: short-stories from the United States and Latin America. New York: W. W. Norton & Company, 2010. p. 219-221.

O texto acima apresenta poucas alterações, mas que são, para nós, significativas. A primeira, de “tinha” para “tive”, aparenta ser um problema com a forma verbal do verbo *to have*, que ocorre como *had* para *simple past*. Em português, em “eu tinha um sonho recorrente naqueles dias”, o uso do verbo “tinha” indicaria que, em todos os dias que a personagem comprava uma edição da sua revista em quadrinhos favorita, o sonho descrito em seguida ocorria. O fragmento completo “I had a recurring dream in those days” relata a repetição do sonho, não apenas por “recurring”, mas por “in those days”. O sonho recorrente seria como uma forma de escapismo da realidade e um eco da voz da mãe, ao final do texto, que diz, repetidamente: “*Ay, si yo pudiera volar*”, todos os dias em que o marido lhe nega uma viagem para visitar a família em Porto Rico, por questões financeiras. O sonho da narradora, no qual ela se imagina uma super-heroína com o poder de voo, por ocorrer *todos os dias*, como o tradutor indica pelo uso de “tinha”, demonstra uma forte vontade da personagem em mudar algo de sua vida. No entanto, o revisor, ao utilizar o verbo “tive”, indica uma ação pontual, apesar de manter que o sonho é recorrente, e não conecta a leitura da revista em quadrinhos ao sonho.

A opção do tradutor no segundo trecho, “tinha longos cabelos loiros”, aparenta uma simples transposição do texto-fonte, “I had long blond hair”, para a língua de chegada, visto ser praticamente idêntico em termos de forma. O revisor, porém, notou algo ser necessário e o alterou para “meus cabelos eram longos e loiros”. Este uso, pelo uso do pronome possessivo, pontua mais fortemente a figura do *eu*, que veremos logo em seguida, e põe as qualidades do cabelo descrito após o nome. A alteração não se configuraria necessária de um ponto de vista da informação, porém, a marcação do *eu*, é bastante significativa. Nesta marcação, o revisor repete o uso do pronome pessoal quando se tratando da ação: “e eu podia voar”, o que cria uma forte imagem de que, mesmo que a família não possa voar para Porto Rico, mesmo que as vontades da mãe sejam frustradas, a narradora pode, em seu sonho, como a *Supergirl*, cumprir essa vontade, ela *pode* voar.

A última alteração do trecho aparenta ser motivada por sintaxe e não por semântica. O verbo “discutir” pede preposição “sobre”, com o sentido de *acerca de*, que o tradutor não utilizou. A mudança de “acontecimentos” para “coisas acontecidas” indicaria que os assuntos discutidos pelos pais eram banalidades, apenas *coisas*, e que o tempo que passavam juntos não era de grande profundidade, ao contrário do uso de “acontecimentos”, que denotaria, como pressuposto, que algo de importância seria tema da conversa.

4.3 Snow⁴

Texto-fonte	Revisão
<p>Soon I picked up enough English to understand holocaust was in the air. Sister Zoe explained to a wide-eyed classroom what was happening in Cuba. Russian missiles were being assembled, trained supposedly on New York City. President Kennedy, looking worried too, was on the television at home, <u>explaining we might have to go to war</u> against the communists. At school, we had air-raid drills: an ominous bell would go off and we'd file into the hall, fall to the floor, cover our heads with our coats, and imagine our hair falling out, <u>the bones in our arms going soft</u>. At home, Mami and my sisters and I said a rosary for world peace. I heard new vocabulary: <i>nuclear bomb, radioactive fallout, bomb shelter</i>. Sister Zoe explained how it would happen. She drew a picture of a mushroom on the blackboard and dotted a flurry of chalkmarks for the dusty fallout that would kill us all.</p> <p>The months grew cold, November, December. It was dark <u>when I got up in the morning frosty when I followed my breath to school</u>. One morning as I sat at my desk daydreaming out the window, I saw dots in the air like the ones Sister Zoe had drawn — random at first, then lots and lots. I shrieked, “Bomb! Bomb!” <u>Sister Zoe jerked around, her full black skirt ballooning as she hurried to my side</u>. A few girls began to cry.</p>	<p>Logo aprendi inglês suficiente para entender que o holocausto estava no ar. Irmã Zoe explicava a uma turma de olhos arregalados o que acontecia em Cuba. Mísseis russos estavam sendo construídos, supostamente apontados para Nova York. O presidente Kennedy, que também mostrava preocupação, aparecia na televisão de nossas casas, explicando que nós poderíamos entrar em guerra contra os Ecomunistas. Na escola, fazíamos exercícios de simulação de ataque aéreo: um sino agourento soava e nós seguíamos em fila até o saguão, nos deitávamos no chão, cobríamos a cabeça com nossos casacos, e imaginávamos o cabelo caindo e os ossos dos braços se afinando enfraquecendo. Em casa, Mami, minhas irmãs e eu rezávamos o terço, pedindo paz no mundo. Eu ouvia palavras novas: <i>bomba nuclear, chuva radioativa, abrigo antibombas</i>. Irmã Zoe explicou como aconteceria. Desenhou um cogumelo na lousa e pontilhou uma chuva com giz, representando a chuva radioativa que mataria todos nós.</p> <p>Os meses tornavam-se frios, Novembro, Dezembro. Estava escuro quando me levantava levantei de manhã e gelado congelando quando <u>[I followed my breath to school]</u> ia para a escola. Certa manhã, enquanto estava sentada em minha carteira, distraíndo-me com a paisagem da janela, vi pontos no ar como os que Irmã Zoe havia desenhado — no início, caíam dispersos; em seguida, aos montes. Gritei: “Bomba! Bomba!”. Irmã Zoe moveu-se de sobressalto, a saia preta e rodada ficou feito um balão virou-se repentinamente, a saia rodada preta balançou feito um balão quando ela correu para junto de mim. Algumas meninas começaram a chorar.</p>

Nesse fragmento, percebemos algumas alterações interessantes em relação à revisão. Primeiramente, o revisor optou por remover o pronome “nós” do texto em português, no trecho “explicando que nós poderíamos entrar em guerra”. Essa alteração, apesar de não aparentar ser de grande magnitude, visto que a marcação de pessoa permanece na desinência do verbo, não havendo a necessidade do uso do sujeito, “retira”, em parte, a protagonista — Yolanda —, e todos aqueles que a circundam, do cenário de guerra, pois não há a forte marcação do sujeito que inclui, a si própria, na situação de risco. A mudança de “se afinando” para “enfraquecendo”, ao descrever os efeitos da radiação nuclear nos corpos das vítimas, denota fraqueza, impossibilidade de reação destas frente à ameaça que se revela nos desenhos da Irmã. Notamos que a palavra escolhida não é a

⁴ ALVAREZ, Julia. Snow. In: ALVAREZ, Julia. **How the Garcia girls lost their accents**. New York: Plume, 1992. p. 166-167.

“equivalente” à inglesa “going soft”, mais próxima de “amolecendo”, apesar disso, o efeito de sentido da opção do revisor é muito mais pungente em relação à situação de ataque iminente enfrentada.

O próximo ponto de atenção é menor, apenas um equívoco de tempos verbais por parte do tradutor, o *phrasal verb* “got up” foi traduzido como “levantava”, ao invés de “levantei”, alterado pelo revisor. A mudança de sentido é clara, este é pontual, como de fato a narrativa situa um único acontecimento, revelador de uma situação muito maior, para o leitor, enquanto aquele é frequente. Similarmente, “congelando”, ao invés de “gelado”, ao relatar a ida da narradora para a escola, é indicativa de duas coisas: que a temperatura do tempo estava baixando aos poucos até a caída da neve, para a revelação ao final, visto o gerúndio do verbo; e que uma situação de conflito estava sendo preparada pela narrativa. Chamamos a atenção para essa alteração ter sido uma opção do revisor, visto que o texto-fonte utiliza o termo “frosty”, portanto, o optado pelo tradutor, “gelado”, estaria de acordo, e o efeito de sentido acima, criado pelo revisor, não ocorreria. O fragmento seguinte, “I followed my breath back to school”, que indicaria que o frio, com extensão de sentido para uma situação de fraqueza, de impotência – visto ser o frio que guia o caminho da narradora, não ela mesma – não foi traduzido nem pelo tradutor, nem pelo revisor, e um efeito de sentido da narrativa foi perdido, ficando neutro, apenas como “ia para a escola”.

O trecho final de nossa atenção “Sister Zoe jerked around, her full black skirt ballooning as she hurried to my side”, foi traduzido como “Irmã Zoe moveu-se de sobressalto, a saia preta e rodada ficou feito um balão quando ela correu para junto de mim”, mas o revisor optou por “virou-se repentinamente, a saia rodada preta balançou feito um balão”. O *phrasal verb* “jerked around” indica uma reação sem controle, um movimento quase espasmódico, que denota o susto e pavor de Irmã Zoe frente aos gritos de Yolanda, o que é perdido em ambas as versões em português. “Mover-se de sobressalto” e “virar-se repentinamente” não indicam a noção de falta de controle do verbo inglês, mas uma simples reação de tornar o corpo ao objeto de atenção, apesar dos termos “sobressalto” e “repentinamente” tentarem recuperar a ideia do inglês, que não possui nenhum complemento. Já a descrição da saia de Irmã Zoe não demonstra grande diferença entre as três versões do texto, apenas uma troca de ordenamentos dos elementos sintáticos com poucas mudanças de sentido. De “full black skirt ballooning”, para “a saia preta e rodada ficou feito um balão” e ao final “a saia rodada preta balançou feito um balão” notamos pequenas variações: os adjuntos de saia foram agrupados para sintetizar a leitura; e “ficou feito” foi revisado como “balançou feito”. Esta última mudança indica como a saia se comportou apenas durante o movimento de Irmã Zoe, o que melhor descreveria a ação da personagem, trazendo o leitor para a cena, e aproximou ao inglês, visto ser “ballooning”, ao invés de “ballooned”, por exemplo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a delimitação do entendimento do processo da tradução como cognitivo criativo e o tradutor, assim como o revisor, como sendo os “duplos autorais”, pudemos perceber, nos exemplos trazidos e explorados no *corpus*, como as escolhas feitas por ambos os profissionais supracitados impactam a passagem de um texto de uma língua de origem para uma de chegada, especialmente nos textos literários, que eram nosso foco.

Uma simples troca de tempos verbais, pelo revisor ou pelo tradutor, como vimos em **Volar**, seja ela por desatenção, ou intencional, pode desconfigurar completamente um efeito de sentido contido no texto-fonte, ou até mesmo criar efeitos de sentido que complementam a leitura e trazem novas perspectivas, não previstas, acerca da narrativa, como em *Snow*.

Devido ao caráter criativo e duplo autoral desses trabalhos, o texto pode ser maleabilizado de forma a criarem-se novos efeitos de sentido. Reforçamos, no entanto, a responsabilidade que ambos têm para com o autor e para com a materialidade textual do trabalho que recebem, que certos efeitos de sentido podem desconstruir ideias ou alterar o modo como o leitor encara a narrativa, tanto para melhor quanto para pior, e que o texto deve ser manuseado com atenção, sapiência e respeito.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **D.E.L.T.A.**, Minas Gerais, v. 19: especial, p. 71-108. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/delta/v19nspe/06.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.
- ANTUNES, Benedito. Notas sobre a tradução literária. **Alfa**, São Paulo, v. 35, p. 1-10, 1991. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3854/3550>. Acesso em: 05 set. 2019.
- BARTHES, Roland. **Denotação e Conotação**. Elementos de Semiologia. São Paulo: Cultrix, 1971, p. 95-101.
- BARTHES, Roland. I. A avaliação; II. A interpretação; III Conotação contra; IV A favor da conotação, apesar de tudo. V A leitura, o esquecimento. In: **S/Z**. Coimbra: Edições 70, 1970, p. 11-18.
- BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio; VASCONCELLOS, Maria Lucia. **Estudos da Tradução I**. Santa Catarina: UFSC, 2008. 53 p. ISBN: 978-85-60522-19-4. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos_da_traducao/Estudos_Traducao_I.pdf. Acesso em: 11 out. 2019.
- BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. **Estudos Avançados**, n. 26, p. 47-56, 2012.
- CARVALHAL, Tânia Franco. A tradução literária. **Organon**, Porto Alegre, v. 7, n. 20, p. 47-52, 1993. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175247/000084996.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 set. 2019.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. Dimensões sócio-cognitivas do fenômeno da intertextualidade. In: MARI Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. **Ensaio sobre Leitura II**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007. Disponível em:

http://webdav.sistemas.pucminas.br:8080/webdav/sistemas/sga/20191/1522414_CAVALCANTE%20-%20Dimensoes%20sociocognitivas%20da%20intertextualidade.pdf. Acesso em: 04 set. 2019.

MASSULA, Úrsula Francine. Panorama dos estudos em revisão de textos: o que as publicações em periódicos nacionais revelam sobre o tema? **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, p. 100-126, 2017. Disponível em:

http://webdav.sistemas.pucminas.br:8080/webdav/sistemas/sga/20181/1354472_URSULA%20FRANCINE%20MASSULA%20-%20PUBLICA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20REVISAO%20DE%20TEXTOS.pdf. Acesso em: 04 set. 2019.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Competência tradutória: a conversão do tradutor em revisor. **Revista de Letras**, Cerará, v. 2, n. 33, p. 65-74, jul./dez. 2014. ISSN 2358-4793.

Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15956/1/2014_art_pcrreuillard.pdf. Acesso em: 04 set. 2019.

SALGADO, Luciana Salazar. Ritos genéticos editoriais: uma abordagem discursiva da edição de textos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 57, p. 253-276, dez. 2013.

Disponível em:

http://webdav.sistemas.pucminas.br:8080/webdav/sistemas/sga/20191/1495791_11.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.